

**Negação e Sintagma Modo em Línguas Pano\***  
**(Negation and Mood Phrase in Panoan Languages)**

---

**Marília Facó SOARES \*\***  
MUSEU NACIONAL (MN)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

**RESUMO**

Este trabalho compara duas línguas da família Pano internamente afastadas e faladas na Amazônia ocidental - as línguas Matsés e Marubo. O tópico principal para a comparação é a negação, buscando-se evidências para relacionar, nas línguas abordadas, tempo, aspecto e modo. Os resultados do trabalho comparativo sustentam uma projeção funcional Modo como relevante para as línguas focalizadas, podendo-se ter como hipótese de trabalho que essa projeção seja relevante para outras línguas da família.

**PALAVRAS-CHAVE**

Sintaxe. Negação. Tempo-Aspecto. Modo. Línguas Pano.

---

\*Retomado durante o XXI Encontro Nacional da ANPOLL (GT de Línguas Indígenas), este trabalho teve algumas de suas partes apresentadas em conferência proferida em 19.02.2005 no IV Congresso Internacional da ABRALIN/UnB, Brasília, sob o título "Resultados recentes de pesquisas envolvendo línguas indígenas brasileiras".

\*\* Sobre a autora ver página 115.

**ABSTRACT**

*This paper compares two Panoan languages spoken in Western Amazon which are internally distant: Matsés and Marubo. The main basis for comparison is negation, on which we try to provide evidences to relate tense, aspect and mood. Our comparative findings support Mood as a functional projection. Considering Mood Phrase as revelant for those languages, our hypothesis may be also plausible for other languages concerning the same family.*

**KEYWORDS**

*Syntax. Negation. Tense-aspect. Mood. Panoan Languages.*

**Dos grupos e das línguas Pano**

Os grupos Pano ocupam atualmente uma boa parte da Amazônia ocidental, vivendo em terras que hoje pertencem ao Brasil, ao Peru e à Bolívia. A zona geográfica ocupada pelo conjunto total dos Pano é apontada por diferentes pesquisadores como praticamente contínua. De acordo com o antropólogo Philippe Erikson (ERIKSON, 1999), que se apoiou em uma extensa bibliografia, inclusive histórica, a zona Pano, tal como se apresenta, apontaria para uma forte similitude, formadora de um bloco homogêneo, o que diferenciaria os Pano de outros grupos, como Tupí, Karib, Arawak e até mesmo Jê.

De um lado, à existência de um bloco homogêneo corresponderia uma forte coesão. Apoiado em trabalhos de arqueologia, Erikson (1999) chega a dizer que há cerca de um milênio, a coesão Pano se manteria incólume devido ao papel centrípeto do eixo referente ao rio Ucayali, que corre no Peru.

Por outro lado, ao se levar em consideração o ponto de vista antropológico, os diferentes grupos Pano experimentam uma tendência à atomização. As diferenças de registro interétnico se encontram bastante desenvolvidas. Há uma abundância de etnônimos, inclusive no interior de um mesmo grupo, como registrado com relação aos que, no Peru, foram chamados de Marinahua: entre esses, verificou-se a existência de até 25 etnônimos diferentes<sup>1</sup>. Também parece não ser difícil encontrar situação semelhante a dos Marubo que, conforme Melatti (1977), não aparentam

<sup>1</sup> O testemunho é de Scott (1963) (apud ERIKSON, 1999, p. 53).

dispor de nenhuma auto-designação tribal, nem sequer de “metade”, mas que, em compensação, revelam uma abundância de seções matrimoniais, cada uma nomeada e dotada de sua própria origem mítica. Citemos o próprio Melatti, que diz a respeito dos Marubo:

[...] na região, mais de um grupo é assim denominado pelos funcionários da FUNAI. Na maior parte dos casos, os chamados Marubo, que aparecem nas notícias de jornais não pertencem ao grupo de que estamos tratando, mas a outros, em fase de atração. Além disso, os índios focalizados neste trabalho não reconhecem nenhum laço com os demais grupos denominados Marubo. Porém, foi em vão que tentamos encontrar sua auto-denominação. Mais de um informante indígena parece admitir que eles são resultado da reunião de remanescentes de vários grupos tribais. De fato, os Marubo (vamos continuar usando esse nome, na falta de outro) se classificam sob várias denominações, mas um exame mais detido de sua regra de descendência nos faz perceber que não se trata de grupos tribais, mas sim de segmentos da mesma sociedade, organizados em torno de princípios de descendência... (MELATTI, 1977, p. 92-93)

Trazidos aqui, esses exemplos poderiam ser multiplicados, de acordo com Erikson (1999). A eles se soma o fato de que a maioria das etnias Pano, nomeadas como tal, relaciona-se a construções exógenas - as quais, registradas externamente e oficializadas no mundo da administração indígena, são prolongadas no meio acadêmico e ecoam junto aos próprios nativos. Só para dar uns poucos exemplos adicionais, o termo que dá nome ao que se conhece como família Pano significaria ‘*tatu*’ e estaria relacionado a um dos ramos já desaparecido da família - um ramo dos Shetebo, do baixo Ucayali, que teria sido o primeiro a aceitar a dominação espanhola e cuja maneira de falar teria servido de padrão para a avaliação dos outros ramos presentes na região.<sup>2</sup> O termo Marinawa, usado no Peru, significaria ‘*povo [da] cutia*’ ou ‘*os outros [da] cutia*’ e, conforme informação que recebi de Lanes (2005), membros da ‘etnia’ Marinawa, ao migrar para o Brasil, aceitam a denominação Jaminawa, que, por sua vez, significa ‘*povo [do] machado*’ ou ‘*os outros [do] machado*’. Marubo poderia significar ‘*o conjunto dos calvos*’ / ‘*os calvos*’

<sup>2</sup> Conforme Colini (1884, p. 530), apud Erikson (1999). Loos (1999, p. 227) cita DE LA Grasserie (1890) para atribuir o termo Pano a uma língua extinta chamada Pano ou Wariapano/Panobo, que Loos (*ibidem*) situa no interior de um subgrupo Capanawa. Especificamente com relação ao termo Wariapano, Valenzuela (2000, p. 114) o segmenta em **waria** ‘*espécie de tubérculo branco comestível*’ e **pano** ‘*tatu gigante*’ (*priodontes maximus*).

ou ‘*os espíritos maru (invisíveis)*’. Pessoalmente, tive a oportunidade de constatar que o termo Matsés, que significa ‘gente’ e aparece nos textos e conversas na língua dos Matis como auto-denominação desses últimos, não pode, na prática, ser usado externamente nem no contexto indígena Pano maior, porque os que eram conhecidos, até cerca de duas décadas atrás, como Mayoruna conseguiram o seu “registro”, digamos, público e oficial como Matsés, coisa de que aparentemente não desejam abrir mão, nem estender a outros. E aos chamados Matis não resta senão a aceitação da designação Matis, muito embora internamente se considerem Matsés.

É em meio a esse universo atomizado, difícil de ser recortado internamente, que se coloca a contribuição - penso eu - decisiva da Lingüística. A atomização dos grupos conhecidos como Pano representaria, a meu ver, o contraponto ao que seria uma zona geográfica contínua. Como contraponto à continuidade geográfica, a atomização dos grupos poderia ser um elemento facilitador de diferenças internas, incluídas as diferenças lingüísticas. Em outros termos, a atomização constitutiva dos Pano faria o que a descontinuidade no tempo e no espaço pode fazer em termos de mudança lingüística.

Os estudos realizados, no âmbito das línguas Pano, por uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional/UFRJ (Setor de Lingüística) apóiam a visão de que há diferenças nítidas no interior da família, tanto em termos de padrões rítmicos, como em termos de mapeamento entre a sintaxe e a fonologia. Os resultados obtidos até o momento mostram que, como consequência dessas diferenças, as variações lingüísticas observadas não representam meras diferenciações graduais, mas verdadeiras diferenças substanciais, que dependem da estrutura morfológica e da estrutura sintática. Essas diferenças colocam problemas para a classificação interna da família e para o estudo da mudança lingüística.

A maior parte das línguas Pano caracteriza-se por apresentar ergatividade morfológica, havendo uma série de questões sobre sua sintaxe, como aquelas relacionadas à transitividade e à mudança de referência. Na maior parte dessas línguas, a ergatividade é marcada morfológicamente através de consoante nasal subjacente, o que, por sua vez, levanta questões relativas a processos de nasalização.

Entre essas línguas, uma evidenciou-se como bastante afastada, se levarmos em consideração uma análise por percentual de cognatos.

De acordo com Lanes (2000, 2005), que levantou dados de 10 línguas dessa família no lado brasileiro, a língua Matsés possui percentuais de cognatos compartilhados com outras línguas analisadas sempre inferiores a 36%, o que forneceu argumentos para a proposta de que essa fosse classificada como a mais afastada no interior do que se conhece como família lingüística Pano. Em razão desse afastamento, consideremos aqui a língua Matsés, comparando-a com uma outra língua integrante, no interior do conjunto maior Pano, de um outro subconjunto, a língua Marubo, que seria mais próxima das línguas Poyanawa, Katukina Pano, Kaxinawá, Jaminawa, Arara e Yawanawa - essa última, em situação dialetal com o Shanenawa, segundo Lanes (2000). O nosso tópico principal para a comparação entre Matsés e Marubo é a negação, sendo que, através desse tópico buscamos evidências para relacionar, nas línguas abordadas, tempo, aspecto e modo.

### Matsés e Marubo

Tanto em Matsés quanto em Marubo, as evidências morfossintáticas revelam o uso de sufixos negativos ligados ao verbo.

No caso do Matsés, Dorigo-Carvalho (1992) e Dorigo e Costa (1996) o apresentam como língua que gramaticaliza as noções temporais de **passado** (subdividido em três graus de remoto) e de **não-passado**, tendo como centro dêitico o momento da fala. Nessa língua, chama a atenção a expressão da negação através de um dentre dois sufixos negativos agregados a um verbo, sufixos esses que podem ser vistos em (A) e que, não raro, permitem que um verbo assim sufixado possa conviver, na sentença e na condição de verbo principal, com um verbo auxiliar, flexionado para tempo.

#### (A) Matsés - sufixos negativos

- a. /-enkɔ/      [ɛ<sup>h</sup>kjɔ]  
 b. /-anbɔ/      [ã<sup>h</sup>bɔ]

O verbo auxiliar ganha tanto o sufixo /-ɛ/ (*tempo não-passado*), quanto o sufixo /-ɔ/ (*tempo passado recente*), ambos foneticamente materializados com oclusão glotal em posição de coda silábica. Vejam-se os dados em (01) e (02):

- 01) a. nuiri-n matsɛs kuɛs-ɛ  
 ele-ERG gente matar-NÃO-PASSADO  
 'Ele mata gente.'
- b. nuiri-n matsɛs kuɛs-ɛnkiɔ ik-ɛ  
 ele-ERG gente matar- NEG AUX-NÃO-PASSADO  
 'Ele não mata gente.'
- 02) a. is- anbɔ ik-o<sup>3</sup>-bi katʃitɔ ate-n  
 ver-NEG AUX-PASSADO-1P jacaré rio-LOC  
 'Eu não vi jacaré no rio.'
- b. ubi is-ɔ  
 eu ver-PASSADO  
 'Eu vi'

Em (1b), o sufixo verbal negativo /-ɛnkiɔ/, combinado ao verbo auxiliar flexionado no *não-passado* /ik-ɛ/, exemplifica a negação de um fato expresso no *não-passado*. E em (2a), o sufixo negativo /-anbɔ/ liga-se ao verbo principal e, combinado ao verbo auxiliar flexionado no *passado* /ik-o/, exemplifica a negação de um fato expresso no *passado*. Essas duas situações, que são típicas, encontram-se esquematizadas em (3a) e (3b):

- 03) a. Negação de um fato expresso no *não-passado*  
 V- ɛnkiɔ ik-ɛ  
 NEG AUX- NÃO-PASSADO
- b. Negação de um fato expresso no *passado*  
 V- anbɔ ik-ɔ  
 NEG AUX -PASSADO

No entanto, a própria marca temporal contida no verbo auxiliar - e que materializa, de forma geral, as noções de *não-passado* e *passado recente* na língua - não mantêm o seu significado constante, muito embora a forma dos morfemas temporais em questão seja a mesma. Isso ocorre quando os mesmos sufixos negativos, presentes no verbo principal, passam a ter a companhia, na sentença, do verbo auxiliar com sufixo de tempo em situação de combinação diferente daquela vista em (3a) e (3b). Ou seja, quando se tem os esquemas vistos em (4a) e (4b):

<sup>3</sup> Os dados fonéticos de Dorigo (1992) revelam essa vogal como nasalizada.

## 4) Negação e suspensão da indicação de tempo

a. Negação de sentenças no *não-passado* e no *passado*

V- **enkiɔ**      ik-ɔ  
 NEG      AUX-PASSADO

b. Negação de sentenças no *passado* e de sentenças que expressam a noção aspectual de *resultado de ação*

V- **anbɔ**      ik-ɛ  
 NEG      AUX- NÃO-PASSADO

O que os esquemas em (4a) e (4b) mostram é uma espécie de “suspensão” da informação temporal contida no verbo auxiliar, já que: (i) um morfema geralmente indicador de passado na língua participa de uma construção que, contendo o morfema **enkiɔ** no verbo principal, tanto nega fatos no passado quanto no não-passado (caso do esquema em (4a)); (ii) um morfema geralmente indicador de não-passado, ao integrar uma construção negativa com o morfema **anbɔ** no verbo principal, tanto pode negar sentenças no passado quanto sentenças que expressam a noção aspectual de resultado de ação (caso do esquema em (4b)). A exemplificação da “suspensão” da informação temporal notada nesses últimos dois esquemas pode ser conferida nos dados que vão de (5) a (8), agrupados conforme os mesmos esquemas (4a) e (4b) de que são, respectivamente, exemplo:

5) a. tʃiuʃi-n      nisi      rakuirin-ɛ  
 tʃiuʃi-ERG      cobra      ter medo-NÃO PASS  
 ‘tʃiuʃi tem medo de cobra’

b. tʃiuʃi-n      rakuirin -**enkiɔ**      ik- ɔ-ʃ      nisi  
 tʃiuʃi-ERG      ter medo-**NEG**      AUX-PASSADO- 3P      cobra  
 ‘tʃiuʃi não tem medo de cobra.’

6) a. unbi      mɛni-ɔ      daʃkute      nuit  
 eu      dar-**PASS**      roupa      ele  
 ‘Eu dei roupa pra ele’

b. nuit      bun-**enkiɔ**      ik-ɔ-ʃ  
 ele      querer-**NEG**      AUX-PASSADO- 3P  
 ‘Ele não aceitou.’

7) a. ara      kun-tʃiʃten -pi      is-ɔ  
 INTER      minha-faca-DIM      ver-PASS  
 ‘Você viu minha faca?’

- b. is- **anbɔ**      ik-**ɛ**<sup>4</sup>-bi  
 ver-NEG      AUX-NÃO-PASSADO-1P  
 'Não vi.'
- 8) a. iuka      nis-a  
 mandioca      ralar-**RESULTADO DA AÇÃO**  
 'A mandioca está ralada.'
- b. nuit      iuka      nis- **anbɔ**      ik-**ɛ**  
 aquela      mandioca      ralar-NEG      AUX-NÃO-PASSADO  
 'Aquele mandioca não está ralada.'

Face ao esvaziamento dos sufixos temporais do verbo auxiliar presente nos esquemas negativos que mostramos em (4a) e (4b), Dorigo e Costa (1996) chegam à conclusão de que as distinções aspecto-temporais *passado/não passado e passado/ resultado de ação*, privilegiadas nas asserções afirmativas, são anuladas na negação em Matsés. Em outras palavras:

A negação em Matsés torna sem efeito tanto a oposição temporal de passado x não passado, quanto a informação aspectual de resultado de ação, visto que a única combinação utilizada para negar essa última noção também pode negar o verbo no passado recente (DORIGO E COSTA, 1996, p.7)

Essa conclusão é acompanhada da hipótese de que as noções aspecto-temporais, anuladas por determinadas combinações negativas,

seriam recuperadas pelo contexto do discurso que, por sua vez, ressaltaria como informação relevante não a simples negação do fato, mas a atitude do falante em relação ao mesmo (DORIGO; e COSTA, 1996, p.7).

Assim, anuladas as distinções aspecto-temporais nos esquemas negativos vistos em (4a) e (4b), a hipótese de Dorigo e Costa (1996) é a de que a atitude do falante embutida nesses esquemas é a que se encontra em (9):

#### 9) Anulação de distinções aspecto-temporais

- a. Negação de sentenças no não-passado e no passado  
*O falante nega um fato expresso pelo verbo, contrariando a expectativa do ouvinte*

<sup>4</sup> Idem nota 3.



V- **enkiɔ**      ik-ɔ  
 NEG            AUX -PASSADO

- b. Negação de sentenças no passado e de sentenças que expressam a noção aspectual de resultado de ação

*O falante afirma/confirma que o acontecimento de fato não ocorreu*

V- **anbɔ**      (i) k-ɛ  
 NEG            AUX- NÃO-PASSADO

Passando ao caso da língua Marubo, a situação encontrada é aquela vista em (B), de acordo com a análise de Costa (1992):

**(B) Marubo - sufixo negativo**

/ - ma/

Em Marubo, a negação se expressa através de um único morfema afixado ao verbo principal e, em determinados tipos de sentença, aos auxiliares que acompanham verbos transitivos e intransitivos, respectivamente, os auxiliares **aka** e **iki**. Exemplos disso podem ser vistos de (10) a (13), onde se encontram sentenças declarativas e as negativas que lhes correspondem:

- 10) a. si<sup>1</sup>na-N      wi<sup>1</sup>ʃa-∅      wiʃa-ai  
           <sup>1</sup>sina-ERG      carta-ABS      escrever-PRES/PAS<sup>5</sup>  
           ‘<sup>1</sup>sina escreveu/está escrevendo a carta.’

- b. sina            wi<sup>1</sup>ʃa            wiʃa-ma  
           <sup>1</sup>sina            carta            escrever-NEG  
           ‘<sup>1</sup>sina não escreveu/está escrevendo a carta.’

- 11) a. i<sup>1</sup>a-N            miN            pani-∅            iN- maʃti-vai            na-ʃa<sup>1</sup>va-ma  
           eu-ERG            2S POSS            rede-ABS            1S-terminar-PAS            DEM-dia NEG  
           ‘Eu terminei tua rede ontem.’

- b. ia            maʃti-ma            pani  
           eu            terminar-NEG            rede  
           ‘Eu não terminei a rede.’

- 12) a. mi<sup>1</sup>ma-N            mi<sup>1</sup>ʃuN-∅            anuN            a<sup>1</sup>ka  
           <sup>1</sup>muma-ERG            curupira-ABS            acreditar            AUX(TR)  
           ‘<sup>1</sup>muma acredita em curupira.’

<sup>5</sup> De acordo com os Marubo com os quais trabalhei, o sufixo temporal -ai não só inclui o momento da fala, mas também recobre eventos localizados na manhã do dia em que se fala.

- b. m<sup>1</sup>ma-n      mi<sup>1</sup>ʃun-∅      anun      a-<sup>1</sup>ka-**ma**  
<sup>1</sup>mūma-ERG      curupira-ABS      acreditar      AUX(TR)- PRES-**NEG**  
 'mima não acredita em curupira.'
- 13) a. pani-∅      tu<sup>1</sup>raʃ      iki  
 rede-ABS      rasgar      AUX(IN)  
 'A rede rasgou'
- b. pani      tu<sup>1</sup>raʃ      i<sup>1</sup>ki-**ma**  
 rede      rasgar      AUX(IN)-**NEG**  
 'A rede não rasgou'

Os dados de (10) a (13) mostram a afixação da negação a um verbo principal (como em (10b), (11b)) ou a um verbo auxiliar (como em (12b), (13b)), quando esse se faz presente na sentença. Além da marcação no verbo, é preciso notar que o mesmo morfema de negação pode ser afixado a um nome, conforme ocorre em (11a), repetido a seguir como (14).

- 14) i<sup>1</sup>a-N      miN      pani-∅      iN-maʃt<sup>1</sup>-vai      na-ʃa<sup>1</sup>va-**ma**  
 eu-ERG      2S POSS      rede-ABS      1S-terminar-PAS      DEM-dia **NEG**  
 'Eu terminei tua rede ontem.'

Destacamos esse fato, registrando que, conforme a análise de Costa (1992), o Marubo é uma língua que não apresenta verbo copular. Em dados que corresponderiam a sentenças com cópula em outras línguas, o marcador de negação se sufixa ao nome, como se vê nos dados de (15) a (17) :

- 15) a. puki      aN      vakt<sup>1</sup>  
 puki-ABS      3S POSS      filho  
 'puki é filho dela.'
- b. puki      aN      vakt<sup>1</sup>-**ma**-rivi  
<sup>1</sup>puki      3S POSS      filho-**NEG**-ENFAT  
 'puki não é filho dela.'
- 16) a. waka-∅      ura-ka  
 rio-ABS      longe-**PERMAN**  
 'O rio é longe.'
- b. waka      ura-**ma**  
 rio      longe-**NEG**  
 'O rio não é longe/ é perto.'
- 17) a. ʃuki-∅      uN<sup>1</sup>ʃi-ya  
 milho-ABS      maduro-**PRES-RESULT**  
 'O milho está maduro.'

- b.  $\text{ʃuki}$              $\text{un}^{\text{f}}\text{ʃi-**ma**}$   
 milho            maduro-**NEG**  
 ‘O milho não está maduro.’

Boa parte dos dados até agora mostrados revela que o sufixo de negação **-ma** é utilizado, em Marubo, independentemente do tempo e do aspecto verbal da sentença. Ao serem comparadas determinadas sentenças afirmativas com as negativas correspondentes, é possível observar que sufixos temporais ou aspectuais que se fazem presentes nas afirmativas não ocorrem nas negativas. Isso pode ser observado no confronto entre (10a) e (10b), (11a) e (11b), (16a) e (16b). Também é possível verificar que os morfemas de tempo/aspecto e o morfema de negação ocupam a mesma posição (ambos ocorrem imediatamente após a raiz verbal ou nominal), podendo-se dizer que possuem a mesma distribuição. Com isso, é possível afirmar que, também para o Marubo, existe uma anulação das distinções aspecto-temporais quando está em jogo a negação.

A anulação de distinções temporais se dá em sentenças que indicam tempo presente ou passado. Em sentenças negativas que indicam tempo futuro, tem-se um verbo principal e um auxiliar, sendo que o morfema de negação, nesse caso, vem afixado ao verbo principal, enquanto o morfema temporal se sufixa ao auxiliar. Vejam-se, por exemplo, os dados em (18):

- 18) a.  $\text{tʃa}^{\text{f}}\text{nu-N}$              $\text{maN}^{\text{f}}\text{sɪN}$              $\text{pa}^{\text{f}}\text{ki-ai}$   
 $\text{tʃanu-ERG}$              $\text{cuia-Abs}$             derrubar **-PRES/PAS**  
 ‘tʃanu derrubou a cuia.’
- b.  $\text{ɪa}$              $\text{maN}^{\text{f}}\text{sɪN}$              $\text{pa}^{\text{f}}\text{ki-**ma**}$              $^{\text{f}}\text{ik-atsai}$   
 eu            cuia            derrubar-**NEG**            AUX (IN)-**FUT**  
 ‘Eu não vou derrubar a cuia.’

A marca de aspecto continuativo também permanece na variante negativa, em construções que apresentam apenas o verbo principal, caso em que o morfema de negação toma o lugar do morfema temporal, como se pode ver em (19):

- 19) a.  $\text{a}$              $\text{ka}^{\text{f}}\text{pɪ}$              $\text{yamama-mis-ka}$   
 ele            jacaré            matar-**CONT-PRES**  
 ‘Ele sempre mata jacaré.’

b. 'a	ka'pɪ	yamama- <b>mis-ma</b>
ele	jacaré	matar <b>-CONT-NEG</b>
'Ele nunca mata jacaré.'		

A explicação para que as marcas de tempo e aspecto permaneçam em sentenças declarativas negativas do Marubo foi avançada por Dorigo e Costa (1996), que afirmaram:

Tais fatos nos levam a concluir que a ausência/presença dessas marcas está associada às distinções de modo realis/irrealis da asserção. O modo realis se refere a situações que realmente aconteceram no passado ou estão acontecendo no presente, enquanto o modo irrealis é usado para situações hipotéticas, incluindo situações que são previsíveis para o futuro e situações que representam generalizações (cf. COMRIE, 1985). Essa distinção repercute na negação no seguinte sentido: as formas que expressam o modo realis são anuladas porque a declarativa negativa nega a realidade do evento/estado, ao passo que as formas que expressam o modo irrealis permanecem porque não é possível negar um evento/estado irreal, isto é, um fato que na realidade não está acontecendo ou ainda não aconteceu até o momento presente (DORIGO; COSTA 1996, p. 10-11).

Comparando-se os fatos das duas línguas, é possível constatar algumas diferenças. Em Matsés, não há relação entre a negação e a quebra da ergatividade, já em Marubo, há. No Matsés, em alguns casos, as combinações negativas carregam informações com respeito à atitude do falante diante do fato negado. Em Marubo, a marca negativa não veicula nenhuma informação quanto à atitude do falante.

É fato comum entre as duas línguas a anulação das distinções aspecto-temporais quando está em jogo a negação, sendo que algumas características são dignas de nota, a saber:

- (i) marcas aspecto-temporais estão em uma espécie de distribuição complementar com a marca de negação (caso do Marubo);
- (ii) marcas aspecto-temporais têm a sua anulação aparentemente dependente em determinados casos, de uma interação com os morfemas de negação (caso do Matsés);
- (iii) quando tempo ou aspecto e negação coexistem em uma sentença, distribuem-se pelo verbo principal e por um verbo auxiliar, não ocorrendo juntas em um mesmo verbo (o que acontece em ambas as línguas);
- (iv) as exceções - quando tempo ou aspecto e negação ocorrem em um

mesmo verbo - parecem se dever ao modo irrealis (caso do Marubo); (v) uma informação relativa a modo também poderia ser pertinente para o Matsés - informação relacionável à atitude do falante ao utilizar determinadas combinações negativas.

No caso da distribuição complementar entre marcas aspecto-temporais e morfema de negação, as indicações não são de autonomia de uma projeção funcional de Sintagma Negativo (*NegPhrase*), que disporia de um núcleo e de um item que funcionaria como seu especificador (como seria, por exemplo, o caso do francês, em que os elementos *ne* e *pas* são constituintes de uma categoria negativa, nela funcionando, respectivamente, como núcleo e especificador). As indicações também não parecem ser a da existência de uma categoria [funcional] Sintagma Negativo que selecionaria um Sintagma Temporal. Isso porque esse tipo de seleção implica uma coocorrência entre negação e tempo, mas não a sua distribuição complementar. Como não nos parece haver indicações de um Sintagma Negativo ou mesmo de um Sintagma Negativo que selecione um Sintagma Temporal, nossa aposta, a partir dos resultados da pesquisa - mesmo que parciais - é a de que vale a pena pensar em uma projeção funcional Modo realis/irrealis através da qual possam ser relacionados tempo-aspecto e negação.

Uma projeção funcional Modo também poderia ser pertinente e explicativa para o Matsés, sendo que, no caso dessa língua, há que se resolver, para determinados casos, a questão da aparente interação entre o morfema de negação que se superficializa no verbo principal e o morfema de tempo que fica no verbo auxiliar (devidamente anulado em favor de uma interpretação relativa à atitude do falante). Como os dois tipos de morfema parecem se “enxergar”, cabe uma investigação maior da estrutura/projeção do verbo auxiliar.

### À guisa de conclusão

Como resultado do trabalho comparativo, surge uma projeção funcional Modo como relevante para as línguas Matsés e Marubo em termos da relação negação/tempo-aspecto. Face a essa mesma relação, poderia ser ela relevante para outras línguas da mesma família? Estaria ela envolvida na mudança de valores paramétricos especificáveis para essas línguas?

Há boas indicações nesse sentido, provenientes de línguas próximas quer do Marubo, quer do Matsés. O Kaxinawá, por exemplo, é língua

apontada como integrando o mesmo subconjunto do Marubo e exibe construções em que formas passíveis de serem vinculadas ao modo realis deixam de conter informação temporal ao estar em jogo a negação. É o que se vê em determinados dados dessa língua em (C) abaixo. Vale notar que, aproximando-se do Marubo, o Kaxinawá mostra a convivência, na mesma forma verbal, de aspecto habitual e negação (cf. dados, segmentação, glosas e notação em Camargo, 1991, p.208-209, p.435). Já o Matis, que integraria o mesmo subconjunto que o Matsés, deixa ver uma espécie de concordância entre tempo e negação, a se levar em conta afirmação de Ferreira (2001, p. 72-73), segundo a qual os “sufixos que indicam negação concordam com o tempo em que a sentença está expressa”. É o que mostram os dados em (D) mais adiante (idem, ibidem), em que o sufixo negativo **-men** é utilizado em combinação com o *não-passado*, enquanto o sufixo negativo **-ma** acompanha o *passado*. Essa utilização conjunta de morfemas aponta para uma situação similar à do Matsés, em que marcas de tempo/aspecto interagem com marcas de negação.

### (C) Kaxinawa

a)

/in	baka	biaii/
// i-n/	baka/	bi-ai-i //
//1s-agente/	peixe/	pegar-atual-presente//
' eu pesco peixe '		

b)

/in	baka	bimaki/
// i-n/	baka/	bi-ma-ki //
//1s-agente/	peixe/	pegar-neg-asserção//
' eu não pesco peixe '		
(no sentido de que não se tem sucesso em pegá-lo)		

c)

/in	baka	biisma/
// i-n/	baka/	bi-is-ma //
//1s-agente/	peixe/	pegar-habitual-neg//
' eu não tenho o hábito de pescar peixe '		

### (D) Matis

a. natsikin	mi	-n	-bi	pe	-e	-men
Qu-	2	-ergativo	-sg	comer	-n.pass.	-neg.n.pass
'Por que você não come?'						

b. i	-n	-bi	pe	-a	-ma
1	-ergativo	-sg.	comer	-pass.im.	-neg.pass
'Eu não comi'					

Constituindo boas indicações, esses últimos dados permitem que se tenha como hipótese de trabalho que a projeção funcional Modo seja relevante para outras línguas da família. Ao mesmo tempo, demandam um aprofundamento de estudos nas línguas em causa, não só de forma a se chegar a generalizações descritivas sobre a sintaxe da negação, mas também de forma a se poder falar com segurança em mudança de valores paramétricos no contexto da família lingüística Pano. Assim, ao lado de nossa conclusão sobre a existência de uma projeção funcional Modo, através da qual possam ser relacionados tempo, aspecto e modo em Matsés e Marubo, ressaltamos aqui um ponto, que é o de criar condições para realizar o trabalho de comparação a partir de descrições que possam elas próprias permitir a comparação de sistemas sintáticos. Com isso, sobressai a questão da convivência de diferentes tipos de notação teoricamente comprometida, suas possibilidades de conversão ou não. Seja como for, se teoria e descrição andarem juntas, sempre se poderá melhorar uma e outra, a partir de resultados de pesquisa que formos paulatinamente alcançando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARGO, E. **Phonologie, morphologie et syntaxe. Etude descriptive de la langue Caxinaua (Pano)**. 1991. 448f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Université Paris-Sorbonne, Paris IV, Paris, 1991.
- COLINI, G. Gli Indiani dell'Alto Amazzon. **Bolletino della Società Geográfica Italiana**, Roma v. 22, p. 528-555, 1884.
- COMRIE, B. **Tense**. 4<sup>nd</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- COSTA, R.G.R. **Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)**. 1992. 287f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- COSTA, R.G.R.. **Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear**. 2000. 261f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DORIGO-CARVALHO, C. T. **A decodificação da estrutura frasal em Matsés**. 1992. 187f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

DORIGO, C.T. **Fonologia Matsés: uma análise baseada em restrições**. 2001. 247p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

DORIGO, C.T.; COSTA, R.G.R. **Aspectos da negação em Matsés e Marubo** (Pano). Ms. 1996.

ERIKSON, P. **El sello de los antepasados. Marcado del cuerpo y demarcación étnica entre los Matis de la Amazonía**. Lima: Quito, Abya-Yala / Instituto Francés de Estudios Andinos (IFEA), 1999.

FERREIRA, R.V. **Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe**. 2001. 172f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LANES, E.J. **Mudança fonológica em línguas Pano**. 2000. 212 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LANES, E.J. **Aspectos da mudança lingüística em um conjunto de línguas amazônicas: as línguas Pano**. 2005. 400f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LOOS, E. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **The Amazonian languages**. Cambridge, Cambridge University Press, p. 227-249, 1999.

MELATTI, J.C. Estrutura social Marubo: um sistema australiano na Amazônia. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, v. 76, p. 83-120, 1977.

VALENZUELA, P. Ergatividade escindida em wariapano, yaminawa y shipibo-konibo. In: VOORT, H. & KERKE, S. (eds.) **Indigenous Languages of Latin America (ILLA) 1**. Essays on indigenous languages of lowland South America contributions to the 49<sup>th</sup> International Congress of Americanists in Quito 1997. Leiden: Universiteit Leiden, [s.p.] 2000.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.



## SOBRE A AUTORA

**Marília Facó Soares** é doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora Associada I do Museu Nacional e Pesquisadora nível I do CNPq. Atua como docente nos Programas de Pós-Graduação em Lingüística (Faculdade de Letras/UFRJ) e de Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ). Atua no campo da educação indígena, com assessoria, por mais de dez anos, a projetos diretamente voltados para populações indígenas. Coordenou projetos de colaboração com equipes francesas no âmbito do acordo CAPES/COFECUB (projetos: Línguas da Amazônia: Estudos de Modalidade Cognitiva e de Prosódia, 2002-2005 e Rede Franco-Brasileira de Estudos das Línguas Indígenas do Brasil, 1997-1998; 1999-2001). Atuou como pesquisadora no CNRS (1994), junto ao então Laboratório de Etnolingüística Ameríndia, atual CELIA Centre d'Etudes des Langues Indigènes d'Amérique. Em 2003, coordenou e executou a parte de lingüística do CD-Rom Magüta Arü Inü [Pensamento dos Magüta]. É líder do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas: Fonologia, Gramática e História* (CNPq/UFRJ); pesquisadora do grupo de pesquisa História e etnografia na Fronteira Amazônica, do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Áreas de pesquisa: Teoria e Análise lingüística; Lingüística Histórica; Lingüística Aplicada; Línguas Indígenas. E-mail: marilia.faco@pesquisador.cnpq.br